

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.616

Terça-feira, 4 de Março de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officina de Impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Chegaram ontem, os delegados portugueses que estiveram mais de 2 meses presos em Sevilha sob uma acusação absurda.

O Carnaval por dentro

A miséria procurando rir—Ser actor ou ser espectador?
A máscara dos mascarados

O leitor reparou no que por aí andou sorrigitando pelas ruas nesta chocha e triste quadra do carnaval. Reparou e aborreceu-se; reparou e indignou-se; reparou e enojou-se.

Fez o leitor bem. O carnaval pode classificar-se este ano dum aborrecimento que enoja. Por mais mascarados que os mascarados andam, sempre acabam e principalmente por meio dos seus disfarces de revelar-se e exuberantemente tal qual são. E' que a vida actual é uma tragédia impossível de disfarçar.

Peguem nessa tragédia, enfiam-lhe a cara, vistam-na grotescamente e embriaguem-na. Toda a farinha, todo o grotesco, toda a embriaguem—não conseguem senão reafirmar a tragédia.

Olhem para quasi todas as máscaras. Trazem as botas rötas. Debaixo dos seus dominós avultam umas calças velhas. As caras são lívidas—presente-se-nos a miséria. Os gracejos são chochos. A alegria é falsa e sã desoladoramente a falsa. E longe de ser um desenfado o carnaval é uma tristeza maior, incomparavelmente maior que a dos outros dias. Se querem descobrir uma pessoa triste, crivada de misérias e de desgostos, ponham-na no meio duma reunião alegre. O contraste é flagrante e bem pode a tristeza para se dissimular, zerrir. Através do sorriso logo se lhe adivinha a tristeza.

Salvemos uma vida das garras da reacção espanhola

Salvaram-se da morte, imposta pelos tribunais, dois homens: Mateu e Nicolau; mas o ténico patíbulo está preparado e pronto a funcionar se não se acode imediatamente a impedir que seja tirada a vida a um dos nossos, Chico de vida e de juventude.

Juan Bautista Acher, conhecido por «El Poeta», está condenado a morte por sentença do tribunal de Barcelona, sentença que foi confirmada pelo Supremo Tribunal em recurso do advogado de defesa; essa pena de morte será cumprida se a solidariedade do proletariado internacional não acode a impedir esse crime legal, sancionado por homens cegos do poder e da vingança, contra as ideias que afirmam ser as promotoras de crimes cometidos por indivíduos apaixonados por injustiças e atropellos.

Casos ocorridos há anos nas ruas de Barcelona deram lugar a que jovens ludadores fossem enredados nas malhas preparadas pelas autoridades, sendo vítimas das injustiças das castas e classistas em que se acha dividida a actual sociedade. E consumou-se o erro judicial.

O monstro feito desta pena de morte demonstra a forma de realizar os juízos em relação aos factos e desta forma um homem bom e nobre pagará com a vida esse erro fatalista.

Vejamos como explica a monstruosidade do advogado de defesa da causa de Juan Acher:

«A pena que cabia a Acher, segundo a classificação fiscal, era a de prisão perpétua; mas no acto de modificação de conclusões, o fiscal do tribunal de Barcelona encontrou uma nova agravante: a de reincidência. Reincidência originada na péssima administração de justiça que disfrutamos. Os factos e

Notas e Comentários

Recebemos a seguinte carta que passamos a publicar:

Camarada redactor:—Pertence ao número daqueles operários que conseguem algumas horas embora escassas e alguns escudos, embora poucos, para ir, ao menos uma vez por mês a um teatro. O hábito de ver representar e alguma leitura tem-me esclarecido o suficiente para poder referir-me a certos factos.

Um deles posso resumir-lhe numa pergunta: Porque tem a Luisa Stanelle tanta notoriedade nos cartazes do teatro musicado e nas notícias dos grandes jornais? Por saber representar? Não é possível. Precisa saber declamar e ela troca as inflexões e mástigas as palavras. E não se esqueça que nem é português nem italiano mas uma bárbara mexicana linguística que ela repiza em scena. Exterioriza uma personagem? E' mentira. A gente vê-a em scena e grita: «Bem te conheço, és a Santanella». Além de actriz-estrela é estrela-cana.

A BATALHA publica-se amanhã

Os delegados portugueses

Chegaram ontem a Lisboa os representantes da C. G. T., Manuel da Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa, que há mais de 2 meses se encontravam presos em Sevilha

Finalmente já se encontram entre nós os delegados da organização operária portuguesa que em Sevilha, há mais de dois meses, se encontravam detidos a ordem dos ditadores espanhóis, que inventaram uma fantástica revolução comunista para, com esse pretexto, enclausurarem os trabalhadores conscientes de Espanha e exercerem a mais desumana perseguição sobre todos os elementos operários e respectivas organizações.

Como os dois delegados da C. G. T., portugueses, Manuel da Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa, estavam em Sevilha nessa data, as autoridades espanholas detiveram-nos, acusando-os de participantes na revolução arquitectada perfidamente no cérebro de criaturas que pretendiam criar um grande nome, receber condecorações como dominadores duma sublevação que deturpava por terra uma sociedade iníqua e tirana.

Afinal, o que caiu por terra, mais ridiculamente, foi a pretensão intencionada dos reaccionários militares espanhóis inventarem para melhor assegurarem o seu predomínio.

A mentira desfaz-se, é certo; não obstante os cárceres de Espanha estão cheios de trabalhadores, que delicto algum cometeram, mas estão encarcerados para satisfazer o ódio dos ditadores e servir os seus fins de inquisidores ferozes.

Os delegados portugueses, que tinham ido a Sevilha cumprir uma missão bem pública, como por mais de uma vez demonstramos nestas colunas, serviram a maravilha para dar maior vulto às intenções dos ditadores. A sua presença naquela cidade foi um admirável pretexto para fazer acreditar aos assustados burgueses dos dois países que

uma revolução ibérica se preparava. E assim, durante mais de dois meses estiveram a ordem do directório no cárcere de Sevilha.

Escreveram aqueles camaradas ao conselheiro de Portugal naquela cidade para ser definida a sua situação; mas esse funcionário primou pela sua ausência, nunca se preocupando com a sorte de criaturas por quem elle, julgamos, tinha o dever de se interessar.

As autoridades espanholas por sua vez haviam reconhecido não existir razão alguma para que as prisões se mantivessem, e no entanto os dias e as semanas passavam-se sem que fossem postos em liberdade.

Talvez devido a attitudinem ultimamente assumida pelo ministro dos estrangeiros, dr. sr. Domingos Pereira, os ditadores espanhóis se resolveram a cumprir com o seu dever, dando ordem de soltura a Manuel da Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa na sexta-feira à noite. Porém, ainda assim, saíram da prisão algemados e acompanhados a estação por uma paragem da guarda civil que nessas condições os trouxe até à fronteira.

Sucedeu que em vez de os conduzirem a Badajoz vieram para Valência de Alcantara e uma vez aqui a policia ainda os deteve uma noite num calabouço porque a ordem que os acompanhava não era clara. Foram trocados ainda uns telegramas para Sevilha e então é que lhes deram permissão para podermos seguir viagem.

Convém frisar que nesta localidade, pedida por aqueles camaradas a intervenção do respectivo vice-consul, este foi mais atencioso que o funcionário consular de Sevilha, porque não se fez esperar e contribuiu de certo modo para facilitar o prosseguimento da viagem.

Manuel da Silva Campos e Manuel

Joaquim de Sousa deviam chegar no domingo à tarde a Lisboa. Devido às razões apontadas, a demora em Valência de Alcantara para cumprir mais umas formalidades, só ontem o poderam fazer. No entanto no domingo na gare do Rossio e imediações encontravam-se, algumas centenas de trabalhadores esperando aqueles camaradas.

Ontem à tarde, à chegada do comboio de Madrid, e devido só à última hora se ter conhecido desse facto, poucos camaradas ali se achavam, que lhes fizeram uma carinhosa recepção.

Da conversa rápida que tivemos com M. da Silva Campos e M. J. de Sousa, verificamos das inconcebíveis barbaridades praticadas contra os trabalhadores espanhóis. E' um verdadeiro regime de terror o que actualmente se atravessa. Só predomina a vontade tirânica dos ditadores. Ninguém tem direito de manifestar a sua opinião contrária a tal estado de coisas, porque se é imediatamente enclausurado sem esperanças de se gozar tam cedo a liberdade.

O povo espanhol acha-se esmagado pela patra tirânica dos ditadores.

Saudamos sinceramente aqueles camaradas por já terem voltado ao nosso convívio e igualmente saudamos a organização operária portuguesa porque já se encontram em liberdade os seus representantes que a Espanha foram procurar estabelecer entre os trabalhadores dos dois países um mais forte elo de solidariedade.

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Ferrugem na assembleia geral de 24 p. p. protestaram contra a prisão dos delegados portugueses em Sevilha, Manuel da Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa.

Manuel da Silva Campos e Manuel

NO PORTO

A questão das carnes

As rivalidades das Companhias, Utilidade Doméstica e Nacional de Talhos—Uma questão de competências e outra questão de complicidades

PORTO, 1.—Francamente, nunca esperámos que as nossas crónicas acerca das carnes atingissem aquele grau de interesse que se vem notando.

Ao mesmo tempo que ajudamos a levantar o espirito nial duma classe que vê o seu futuro ameaçado, criamos toda uma sorte de engulhões à alta marçhantaria, que ainda não desistiu da sinistra ideia do monopólio dos talhos, consequentemente, da sua limitação.

A marchantaria, bem como a Comissão camarária de subsistências, que está subordinada àquela, foram as primeiras a reconhecer as nossas verdades.

Aproveitando este pestilento interregno do Carnaval, que a/s vamos proseguir com o nosso «correio» de factos, principiamo pelo «carro» histórico da Companhia Utilidade Doméstica.

«E' indispensável esta resenha para a illicação das gentes...»

A Companhia Utilidade Doméstica teve o seu auspicioso nascimento há vinte e oito annos. Logo nos primórdios da sua utilissima existência, demonstrou a sua precocidade para as aventuras de filantropia, as inconfessáveis. Acurrou-se-lhe a carreira brilhante no curso profundo das ambições carnicárias.

Genilmente propôs à Câmara Municipal, de então, construir, à sua custa, um edificio para o matadouro... público.

Uma condição, porém, exigia em troca do seu sacrificio transaccionista: a de se ela, isoladamente, ou de junção com quem muito lhe apetece, poder abater as rezes...

A cidade não teve talento para compreender a generosidade da florescente companhia monopolista, e levantou-se unânime contra tais escamoteadoras pretensões. E como nessa ocasião a imprensa ainda não soffria uma corrupção tão aguda como no nossos dias—enfiliou na santa cruzada dos protestos vibrantes dos consumidores...

O monopólio da matança geral... para a manutenção dos interesses exclusivos—caiu, exanime, por terra...

A Companhia Utilidade Doméstica chorou... mas não deseperou... Assim, recordando animo, vemo-la em 22 de Maio de 1917 enviar uma representante choradeira a D. Manuel, pedindo-lhe encarecemente, e em nome dos altos negócios utilitários, que decretasse para esta cidade o «utilitário» limite de talha, isto é, que mandasse encerrar assim uma coisa parecida com 120% dos estabelecimentos existentes...

Os operários levantaram o seu grito de alerta—e a empresa de rapinos tentativa esbarrou de encontro à barreira que se lhe ergue na frente...

Então principiam a, sistematicamente, perseguir Joaquim Silva e João Martins (pai)—dois militantes activos da classe dos cortadores das carnes verdes, já, infelizmente, falecidos. A fome invadiu-lhe os lares e foi preciso empregar meios violentos para que aqueles do extintos trabalhadores de novo conseguissem trabalho...

Suppõem, porém, que esta história, tam em síntese relatada, já chegou ao seu fim? Pois sim... Ela continua, e continuará, porque a Companhia Utilidade Doméstica jamais porá de parte os seus desígnios assassinaes: persiste em conquistar o «condado» das carnes, proclamando a sua independência e instituído o seu trono magestático...

Há, contudo, um mas a tornar esta fanfara de domesticidades avares num funesto insucesso de aliear-quibricos destros... Aí tomados do domínio matadorial, concorre uma outra potência a Companhia Nacional dos Talhos.

Na frente do ambicioso José do Lago, director da Companhia Utilidade Doméstica, esgrina o aventureiro Campos Teli, o director da Companhia Nacional dos Talhos... ao qual *Abatalha*, já se tem referido...

A Companhia Utilidade Doméstica apresenta uma plataforma reconciliatória, uma base de accordo mútuo sem o qual não será possível o monopólio das carnes. Essa base consiste na fusão das duas Companhias, entregando-se a coroa ao tal José Lago, o qual, por sua vez, entregaria as insignias de vice-rei ao seu competidor Manuel Campos Tetino...

Mas o último, que se julga com direito ao sceptro, não abdica da sua pretensão. Esta luta de galos num mesmo poleiro, é que tem obstado a que ainda não comamos ossos por bom preço, em lugar de carne...

O que se não consegue ainda com a junção das duas Companhias, vai-se, porém, conseguindo por outro lado e pouco a pouco, com a «solidariedade» obtida na celebre Comissão «camarária» de abastecimentos...

O Comissariado dos Abastecimentos estabeleceu no seu edital que a Comissão seria composta com número superior de marchantes aos dos consumidores. A greve dos cortadores de carnes verdes e a cealeuma que então se levantou em volta da questão—fizeram com que a «camarária» comissão de abastecimento de carnes resolvesse: que o número deliberativo fivesse maior representação nos «representantes» do consumidor. Isto é: de Câmara...

Operários ficaram de fora, as Juas também. De maneira que o povo consumia frot... a ver navios, sem desfesa alguma...

O Carnaval por fora

Uma reportagem fatídica—O sr. Augusto de Castro Moagem e a criança envenenada—Ditadura ilusoria

A *Batalha* escolheu um dos seus redactores e conferiu-lhe a missão de ir, ao acaso, sem destino, topar o Carnaval nos lances e nos aspectos mais diferentes e trazê-lo, em notas breves, posto em *linguados*, para as colunas deste jornal. O redactor fez fisionomia de contrariedade, pegou no chapéu—e foi-se. Não disse uma palavra. A porta da redacção bateu forte e rápida puxada por sua mão nervosa. Ia evidentemente aborrecido, o nosso camarada de redacção.

Só ontem voltou. Veio tarde e veio triste. Lançou-se alquebrado sobre uma cadeira. Vinha afadigado, amarelado, neurastênico. Lançou-nos os *linguados* requeridos, escritos em letra desigual e abalou sem dizer uma palavra. Nós nada lhe dissemos. Limitamo-nos a enviar para a tipografia as notas que passamos a ler-se...

Foi no Chlado que vi maior chiada. A's 15 horas passou vestido de Judas o sr. Alfredo Pimenta, lá só e chorava, acendendo-se dele um policia que inquiriu porque chorava a triste máscara. O Pimenta calu soluçante nos braços do policia e gemeu...

Choro porque já não tenho uma ideia onde possa aderir.

Porquê? inquiriu o policia.

Já aderi a todas, respondeu o Pimenta, resvalando dos braços do policia para as pedras da calçada.

A's 15,30 passou o sr. Augusto de Castro vestido de Moagem a distribuir bolachas da Nacional. A policia quiz prendê-lo. O sr. Augusto de Castro indignou-se e respondeu:

«Não prendam a Moagem porque se altera a ordem pública».

A policia ainda rousou: ande lá pra dentro. O sr. Augusto de Castro tirou da carteira da «Moagem» de que elle vinha vestido uma licença que dizia: «E' autorizada a Moagem a roubar, a envenenar o publico». Assinavam a licença vários politicos e ex-ministros, entre os quais o sr. Joaquim Ribeiro, actual ministro da agricultura.

Compareceu o sr. Ferreira do Amaral que vinha mascarado de fascista. Ordenou secamente a policia que deixasse passar o sr. Augusto de Castro «Moagem» e que prendesse quem se metesse com elle ou com ela.

Nesta altura acerrou-se uma criança do sr. Augusto de Castro. Estê deu-lhe uma bolacha. A criança começou a devorá-la, deliciada. Depois o seu rosto

arroxou-se repentinamente, seus olhos angustiarão-se e o corpo succidiu-se-lhe em horríveis convulsões. Foi conduzida em braços ao posto da Misericórdia.

O sr. Ferreira do Amaral ordenou que a criança ficasse presa, depois de curada, sob a acusação de bokevista.

O sr. Augusto de Castro afastou-se, dizendo que ia para Londres como ministro da Moagem.

Entre no Coliseu, lá tomar notas. Encontrei alguns novos-ricos. Empunho o lápis... De repente... sinto um choque rude. Um grito abafado. Creio que perdi os sentidos. Quando os recobrei tinha um olho inchado e arroxado. Foi um saco de areia que pesava ao certo 300 gramas. Quem o arrojou? O conhecido assambarcador Francisco Cruzes Cortinhas

Baile do Nacional. Alguns estudantes trazem na mão, sínteses de Bernardino Machado que cumprimentam toda a gente. Passou o sr. Belo Redondo vestido de Bernardino a pedir ao sr. Sá Cardoso que o nomeasse governador do Funchal. O sr. João de Castro civilizou-se, por andar, sem autorização, vestido de Mussolini. Der por \$50, um folheto intitulado «A ditadura só para homens».

O sr. Rugeroni andava disfarçado em sileteador da Calábria dizendo que quem rouba o Silva Graça tem 100 anos de perdão. A policia quiz prendê-lo. Compareceu o sr. Ferreira do Amaral que o mandou em liberdade com a alegação de que elle era um benemérito por ter roubado dinheiro ao Estado.

La tomar mais algumas notas. Mas um novo rico arremessa-nos uma pedra dentro dum saquito de seda. Ao ripoarmos o sr. Ferreira do Amaral quiz obrigá-nos a beijar a mão que nos mandava a pedrada, dizendo:

Beije a mão ao rei de Portugal e colónias, Raúl I, o Monteirol Guimarães, director da Moagem.

Recuamos. O sr. Ferreira do Amaral fez um discurso à policia falando-lhe em aumento de vencimentos e mandou agredir-nos. Salmos do teatro sob um chuva de espadadeiras enquanto o sr. Ferreira do Amaral que comandava a opressão gritava enfurecido, Viva um Portugal Maior!!

O «esprove» do redactor

OS TRABALHISTAS NO PODER

MACDONALD IMPERIALISTA

Discute com Poincaré a questão das reparações, falando muito nos interesses ingleses...

LONDRES, 3.—Macdonald na carta que enviou a Poincaré disse que estava disposto a conseguir que a politica internacional ficasse absolutamente esclarecida. O tratado de Versailles não está sendo respeitado pela França que pretende agora conseguir aquilo que não conseguiu durante as negociações da paz, opinião de grande numero de ingleses. As pessoas que tem esta opinião dizem que esta politica apenas pode perpetuar incertezas e perigos encaminhando a politica internacional não para a paz mas para a guerra, destruindo finalmente qualquer segurança temporária que a França possa adquirir.

Macdonald refere-se à questão das garantias que a Alemanha deve à Absoluta da América da proposta Liga anglo-americana para defender a nação francesa. O primeiro ministro disse que compreendia o descontentamento da França depois das esperanças que se firmaram com a vitória. A situação da Inglaterra permanece felizmente a mesma.

A nação inglesa mantém a sua segurança absoluta por terra e por mar mas a sua situação económica foi enormemente prejudicada devido não só à impossibilidade da Alemanha poder pagar as somas que foram arbitradas para as reparações mas também devido à deslocação dos mercados europeus ocasionada principalmente pela incerteza acerca das relações entre a França e a Alemanha e pelo caos económico da Alemanha. Todos estes fenómenos criaram grandes dificuldades económicas incluindo as que foram criadas pelas divisas cambiais francesas e inglesas.

Macdonald invoca a «opinião pública inglesa»

Por este motivo a Inglaterra vê com apreensão que a França pretenda arduar a Alemanha e dominar o continente sem consideração pelos interesses ingleses e pelas futuras consequências que isso possa trazer à situação da Europa. O povo inglês mostra-se apreensivo perante os enormes preparativos militares da França e perante o enorme desenvolvimento dado às suas forças aéreas e também pelo empenho que a França mostra na organização militar dos novos Estados da Europa Central.

A opinião pública inglesa afirma-se e pergunta-se qual o motivo porque a França dispõe de tanto dinheiro para armar seus países tanto olhando ao facto de que o contribuinte inglês tem que pagar para cima de 30.000.000 de

libras por ano de juro dos empréstimos feitos na América para beneficio dos aliados e especialmente da França, não tendo esta Nação até agora feito quaisquer propostas para pagar o que deve nem para fazer um sacrificio equivalente ao sacrificio que está fazendo a Inglaterra. Foram estas as razões que fizeram com que o governo inglês e o governo francês entrassem muitas vezes em disputas.

O sr. Macdonald acrescentou que se ia esforçar para conseguir estabelecer entre a França e a Inglaterra uma boa atmosfera de maneira que todos os temores desapareçam assim como todos os ressentimentos.

As dificuldades surgidas acerca dos problemas do Ruhr, do Reno e do Palatinado são sintomas isolados da falta de confiança entre os dois países. Não há possibilidades de se chegar a entendimentos acerca destas questões enquanto se não chegar a um franco e completo accordo, que é questão principal de que as outras são meramente subsidiárias. O ponto de vista inglês e francês divergem muito menos do que se supõe. O povo francês deseja que se garanta a sua segurança.

O povo inglês deseja a mesma coisa. Mas para a França o problema tem um aspecto restricto enquanto que para a Inglaterra tem um aspecto muito mais lato.

Macdonald defende os interesses comerciais ingleses

E' absolutamente preciso estabelecer uma atmosfera de confiança para preparar o desarmamento geral, e para isso é necessário abolir todos os desacordos internacionais e conseguir a desmilitarização dos vários Estados e a sua neutralização criando facha de território neutrais entre vários países em que há questões litigiosas e dando à Sociedade das Nações amplos poderes para regular esses assuntos.

Esta politica só pode ser iniciada se a Inglaterra estiver em accordo. Também a França e a Inglaterra desejam igualmente reparar as devastações causadas pela guerra. Da parte da França entendese reconstruir as regiões devastadas da parte da Inglaterra reconstruir os seus mercados abalados e resolver a questão dos desempregados e resolver a questão da decadência da sua marinha mercante.

As regiões devastadas da Inglaterra, não são de um exame tam palpavel mas não causam menos prejuizos a este país do

MARINHA GRANDE

despertar do operariado vidreiro

Os operários garrafeiros vão enfim reorganizar o seu sindicato. — Urge promover um energético protesto contra a pretensão patronal de aumentar as horas de trabalho

MARINHA GRANDE, 1. — Vamos constatar com prazer que o operariado vidreiro, ainda que não integrado verdadeiramente no seu papel, vai contudo saindo pouco a pouco do marasmo em que tem jazido.

Depois de assistirmos à primeira assembleia para reorganização da Associação do Classe dos Manipuladores de Cristal, temos agora conhecimento de que um grupo de camaradas garrafeiros pretende reorganizar também a sua colectividade.

Era tempo de garrafeiros e cristaleiros desperdiçarem o seu tempo, que tem sido: trabalhar muito para ganhar pouco e de deixarem de ser o que são. O seguinte facto: Os cristaleiros fazem garrafas por mais baixo preço, e os garrafeiros manipularem peças que devem ser confiadas aos manipuladores de cristal.

Mas, logo que se organizem devem tratar da sua situação económica, que é deplorável, pondo em seguida a cobro a produção que infelizmente ardestará a classe a uma crise tremenda.

Para angariar um salário, que lhe dê para ir entreteendo o estômago, um garrafeiro, em 6 horas, manipula mais de mil garrafas, não vendo que produz demasiado, o que dá em resultado haver sempre um estocque que poderá obstar ao comércio.

Manipulam-se garrafas por um preço verdadeiramente irrisório, de modo que é preciso produzir muito para ganhar alguma coisa.

Camaradas garrafeiros, a vós nos dirigimos: A super-produção em regime burguês é terrivelmente perigosa e com ela lucram somente os industriais.

E se não ponham os olhos no industrial Guilherme Pereira, que prospera com uma velocidade de estarrecer ao passo que vós continuais na miséria?

Mas não esqueçamos os anexos que, excepto os cortadores, estão integrados no sindicato dos manipuladores de vidro, isto que, é claro, os que pertencem a esta especialidade.

A classe que possui mais anexos é a dos cristaleiros, que tem escolhedores, lapidários, rolhistas, fosquistas, pintores, gravadores de gravura à soda e a ácido, caixoteiros ou empaquetadores, e ainda os empregados de escritório e pessoal ao dia. Mas perdoai se falamos em vós, camaradas caixeiros, porque não pretendemos nem ao de leve ferir as vossas susceptibilidades, o que desejamos dizer-vos é que, apesar de não serdes manuais, também sois vítimas do sistema capitalista e que portanto deveis também organizar-vos numa Associação, já que não podeis ingressar no sindicato dos manipuladores.

E' já tempo de essa falange de trabalhadores que se denomina classe média, deixar a política e mandar «buglar» as questões entre Contínios e Chaves Costas, integrando-se no sindicalismo revolucionário, que é a finalidade social que há de libertar a inenunciável multidão dos que produzem e nada tem.

Os industriais, que nunca descansam da odiosa tarefa de agravar as condições de vida dos seus operários, premeditam aumentar, na próxima primavera, o número de horas de trabalho.

Mas os camaradas que estão ameaçados de sofrer tanta intolerável vexame, devem preparar-se imediatamente para inutilizar as desumanas pretensões patronais, pois se consentirem a sua efectivação, darão ao que as restantes e exigidas regras desapareçam sucessivamente.

A's associações dos manipuladores de vidro compete, também, erguer, quanto antes, o seu energético protesto contra o crime que se planeia.

O sr. Carlos Oalo já começou pondo em prática a vil resolução patronal que fere tam fundo os legítimos interesses morais e materiais do proletariado, não devendo, portanto, demorar-se o justo protesto dos atingidos, sendo também necessário que o Ateneu de Educação Popular se pronuncie sobre este grave assunto.

Alerta, pois! — C.

TEATROS & CINEMAS

Carnaval

Realiza-se hoje, às 14 horas, no Teatro Nacional, um baile infantil que terá por certo o vivo pitoresco e interessante animação do realizado antecedido.

A noite representa-se, no mesmo teatro a comédia «A Visinha do Lado», tendo depois do espectáculo dois grandes bailes de máscaras.

O juri que hoje conferirá os prémios ao baile infantil, é composto pelos srs. Lino Ferreira, administrador do teatro, Mário Duarte e secretários daquele teatro.

—Hoje, último dia das festas carnavalescas, realizam-se no Coliseu dos Recreios, em matiné e à noite, dois grandes espectáculos de Carnaval seguidos de um deslumbrante baile infantil em que tem entrada gratuita todas as crianças que se apresentem acompanhadas por pessoas de família e outro de um surpreendente baile, o último da época, em que tem entrada gratuita as senhoras mascaradas. Os programas dos dois espectáculos de hoje são os mais gratiosos que se tem executado no Coliseu, cujas ornamentações e iluminações lhe dão um aspecto majestoso. A bilheteira a geral para o espectáculo da noite abre às 10 horas, dando os bilhetes de direito a assistir ao baile.

Festas artísticas

Laura Costa realiza no próximo sábado, no Eden, a sua festa, que se apresenta com várias surpresas e atrações, indo à cena a revista «Tic-Tac», que se apresentará completamente remodelada, com diversos números de actualidade, sendo três deles interpretados pela festejada. Os bilhetes estão já à venda no camaroteiro do Eden.

Partiu ontem para Évora, a fim de se estreiar no teatro Garcia de Rezende, uma companhia organizada por Otelo de Carvalho.

Reclames

E' hoje no Apolo, o último espectáculo de carnaval, com a revista «Fruito Proibido». A sala do teatro estará profusamente iluminada às 20 horas, começando, desde logo, o recreio do público.

CARTAZ

S. CARLOS — A's 21 — «Paraiso». NACIONAL — A's 21 — «Carta Anónima». S. LUIS — A's 21 — «Os 28 dias de Cláudio».

A's 15 — Matiné. — Concerto Sinfónico pela Orquestra Sinfónica.

TRINIDADE — A's 21 — «Gente Chic». POLITEAMA — A's 21 — «A greve geral».

A's 15 — Concerto pela Orquestra Sinfónica de Lisboa.

APOLLO — A's 21, 15 — «Fruito Proibido».

AVENIDA — A's 21, 15 — «O Povo do Bispo».

EDEN — A's 21 — «A Paz Armada».

MARIA VICTORIA — Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Grande companhia de circo.

A's 14, 30 — Matiné.

GIL VICENTE — A's 21 — «Amor engarrafado».

OLIMPIA — A's 20, 50 — Animatógrafo.

SALAO POZ — A's 14, 30 — Variedades.

CHIADO TERRASSE — A's 14, 30 — 20, 50 — Animatógrafo.

CONDÉS (Avenida). — Animatógrafo.

CENTRAL (Avenida). — Animatógrafo.

CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges). — Animatógrafo.

IDEAL (Largo). — Animatógrafo.

ROSSIO (Arco da Moura). — Animatógrafo.

CHATELIER (Praça dos Restauradores). — Pistas faladas.

PROMOTORA (Largo do Calvario). — Animatógrafo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alívio). — Animatógrafo.

A BATALHA

VILA REAL DE TRAZ-OS-MONTES

A reacção clerical e a chegada do bispo. Uma pensão do governo para milionários — A ganância do comércio

VILA REAL, 2. — Há uns bons 25 anos, havia aqui uma mulher, devassa a mais não poder ser, que à medida que os anos rolavam sobre sua cabeça, mais devota ela se manifestava, a ponto de não deixar passar dia sem ouvir missa nem domingo sem confissão; e a quem lhe perguntava os motivos de tanta grande e assidua devoção, respondia: «que quero, filhos os cabelos já se me vão tornando brancos, e a igreja é o forte esteio dos velhos. Demais, acrescentava em segredo, é nela onde recuro a milha melhor clientela, sem os riscos de perder a minha alma — uma vez que me confesse e comungue todos os domingos».

Tal qual esta bela e jovem República, que nasceu incrédula para cair aos 14 anos nos braços da «santa madre», com um frenesi tal como só o faria uma amante histérica.

Aqui também se fez sentir a influência dos amores fratrescos da sr.ª Rê... apresentando-nos como um aborto — um bispo — tão gordo e tão recheado como é mesmo uma... delícia para os srs. católicos, que se rejubilam de contentamento, por alcançarem depois de 13 anos do novo regime o que não conseguiram com 8 séculos de monarquia!

Em honra deste tenebroso-mór, houve grande festa no dia da sua chegada, obrigada a diversas charangas e muito foguetório, e convidaram para a «proissão» tudo quanto havia de mais fino por estas redondezas: — novos ricos, assambradores, padres, multimistmas fardas e todos os filhos das mulheres dos padres, e para que nada faltasse, até as dignas autoridades se encorporearam ao presépio carnavalesco.

Instalado o «grande homem» como eles lhe chamam! em um magnífico palácio, rodeado de todas as comodidades e mais uma, deram agora principio a uma recita pastoral — mostrando-o a todas as suas «ovelhas», como quem mostra um animal raro!

Os seus caixeiros viajantes — os padres, nas respectivas povoações, andam de porta em porta pedindo dinheiro para a recepção e o concurso de todos para o impagável «beija mão», e é tanta a sua fúria em pedir que até os acralas lhe servem e não escapamos ao seu pedatório.

O facto é que tudo vai ver o sr. bispo e todos dão dinheiro para os grandes festas em sua honra, — gregos e Troianos, isto é nacionalistas, monarquicos e democratas, trez pessoas distintas mas um só partido verdadeiro — católico-monarquico!

E andam os srs. da governação tocando a grande caixa com a compressão das despesas! Se de facto quizessem de verdade essa compressão, proibiam estas festas, porque o dinheiro gasto com musicas, fogos e pelo povo, nas tabernas, em tais dias, representa um grande desperfício, perfeitamente inútil!

seguro do que fazia, apontou-lhe uma qualquer.

Preguntado em que se baseava para garantir ser aquela a compra procurada; respondeu: «o número de ordem vindo do registro civil...»

Este egrejo funcionário, para distinguir os covalis, emprega um extravagante processo: num coloca estacas de cana ou madeira, outros pequenas varas de cepal!

Pode, porventura, admitir-se tam revoltante desprezo pelos despojos humanos? Não se paga à câmara mais do que o suficiente para que tal não aconteça?

Da pessoa que o nosso amigo acompanhava à última morada, ficou também sem saber o número que lhe caberia. De esperar é que aconteça o mesmo, visto haver, no local destinado a enterramento de adultos, muitas campas sem número.

Como nota curiosa ajuntaremos que o administrador do cemitério é um mercetário que acumula ainda as funções de empregado do Matadouro e de regedor!

Extranhando o facto, inquiriu do administrador qual a campas de sua filha, mas este, depois de umas pesquias que bem demonstravam não estar

palmeira

Urge pôr termo ao desleixo que vai pelo cemitério

PALMEIRA, 1. — Para que se avalie a falta de escrúpulos com que são feitos certos serviços públicos, passamos a relatar um revoltante caso passado com um amigo nosso:

Faleceu-lhe em casa uma pessoa de sua amizade, cujo funeral se efectuou para o cemitério da vila, que fica distante uns bons seis quilómetros.

Depois de o corpo ter baixado à sepultura, o nosso amigo procurou a campas de uma filha, que fôra enterrada em 10 do pretérito mês. Como, pelo número que lhe haviam dado, não fôsse capaz de a encontrar, dirigiu-se ao sr. Serafim Ribeiro, administrador do cemitério, que lhe indicou um local onde haveria aproximadamente umas 50 campas de crianças, sem que nenhuma, porém, tenha número.

Extranhando o facto, inquiriu do administrador qual a campas de sua filha, mas este, depois de umas pesquias que bem demonstravam não estar

palmeira

Urge pôr termo ao desleixo que vai pelo cemitério

PALMEIRA, 1. — Para que se avalie a falta de escrúpulos com que são feitos certos serviços públicos, passamos a relatar um revoltante caso passado com um amigo nosso:

Faleceu-lhe em casa uma pessoa de sua amizade, cujo funeral se efectuou para o cemitério da vila, que fica distante uns bons seis quilómetros.

Depois de o corpo ter baixado à sepultura, o nosso amigo procurou a campas de uma filha, que fôra enterrada em 10 do pretérito mês. Como, pelo número que lhe haviam dado, não fôsse capaz de a encontrar, dirigiu-se ao sr. Serafim Ribeiro, administrador do cemitério, que lhe indicou um local onde haveria aproximadamente umas 50 campas de crianças, sem que nenhuma, porém, tenha número.

Extranhando o facto, inquiriu do administrador qual a campas de sua filha, mas este, depois de umas pesquias que bem demonstravam não estar

palmeira

Urge pôr termo ao desleixo que vai pelo cemitério

PALMEIRA, 1. — Para que se avalie a falta de escrúpulos com que são feitos certos serviços públicos, passamos a relatar um revoltante caso passado com um amigo nosso:

Faleceu-lhe em casa uma pessoa de sua amizade, cujo funeral se efectuou para o cemitério da vila, que fica distante uns bons seis quilómetros.

Depois de o corpo ter baixado à sepultura, o nosso amigo procurou a campas de uma filha, que fôra enterrada em 10 do pretérito mês. Como, pelo número que lhe haviam dado, não fôsse capaz de a encontrar, dirigiu-se ao sr. Serafim Ribeiro, administrador do cemitério, que lhe indicou um local onde haveria aproximadamente umas 50 campas de crianças, sem que nenhuma, porém, tenha número.

A BATALHA

Cova da Piedade

Novos aumentos

COVA DA PIEDADE, 2. — Como tínhamos previsto e depois da representação da comédia da falta de trigo, o pão subiu mais \$20 centavos em quilo. A forma como este aumento foi conseguido demonstra bem a evidência que só um protesto energético das classes consumidoras pôde um dia aos maneios dos gananciosos sem escrúpulos.

As batatas nesta localidade já se vendem a \$50 o quilo e com certeza não fica por aqui. A farinha, segundo anúncio dos donos da moagem, vai faltar. Esta declaração tem causado uma certa indignação. Se o povo tomar qualquer atitude de energia não se admirem. A fome é negra e ela obriga a muita coisa...

Terrugem

O procedimento dos lavradores

TERRUGEM, 2. — Entre os trabalhadores rurais desta localidade lava um certo descontentamento proveniente do mau procedimento dos lavradores, que aos homens que trazem ao trabalho, lhes fornecem pão de cevada em vez de pão de trigo, o que abunda.

Tem o pão de cevada a agravante de ser a farinha mal peneirada, o que resulta um sabor desagradável, quando cozida.

Ainda não fica por aqui. Alguns lavradores dão para refeição da noite lava mal cozida e os ordenados oscilam entre 7500 a 8100 por mês, o que é pouco, atendendo ao preço que os alugueres e artigos de vestuário, etc., atingiram. Desta forma, como se poderão manter aqueles trabalhadores que tem 3 e 4 filhos, além da companhia, a sustentar?

No Barreiro

Um ferroviário com uma perna fracturada

Na enfermaria Provisória n.º 7 do hospital do Desterro, deu entrada João Ambrósio, de 27 anos, guarda dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, residente no Barreiro e que ali, não se sabe se por bricadeira ou se com a ideia de o agredirem, foi agarrado por uns indivíduos que em seguida o largaram de súbito, obrigando-o a cair, de que resultou fracturar a perna direita.

LISBOA NA RUA

Atropelamento

No Banco do hospital de São José recebeu ontem curativo Carlos Alberto de Jesus, de 38 anos, trabalhador das obras do Porto de Lisboa e residente na calçada da Bica Grande, 11, 4.º, que no Largo de São Paulo, foi atropelado por um automóvel ficando ferido na cabeça e contuso pelo torax.

Suicida

Na enfermaria de Santo António deu entrada Américo Gonçalves, de 25 anos, correio, residente na rua Vale de Santo António, 287, 1.º, que tentou suicidar-se.

Queda

Na Sala de Observação do Banco do hospital de São José deu entrada Luis Moita, de 32 anos, soldado n.º 120 da 3.ª companhia da G. N. R. aquartelada na Gracá, que se caiu da Forno de Tijolo caiu do cavalo que montava ficando muito ferido na cabeça.

LIMAS

As melhores são as da «União» — Tome Feteira, Vieira de Leiria — Pedir em todas as lojas de ferragens — Realizam em preços e condições.

UNIAO

MARCA REGISTRADA — perca com as melhores condições.

Sucatas

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 18 (junto ao arco gótico).

parando (estes dois pretendidos mancebos eram Aurélio e a sua escrava disfarçada em traje masculino); Genoveva, a minha nova amiga Joana tarda; esta demora inquieta-me; e daí, é preciso confessar-te, que receio fazer alguma loucura...

—Então, minha querida senhora, voltemos para casa.

—Quázi que tenho vontade disso... e entretanto, encontrarei eu outra vez tam boa ocasião?...

—E' verdade que a ausência do sr. Grémion, seu marido, que partiu esta manhã com o sr. Chusa, o mórdomo do príncipe Herodes, deixa-a completamente livre, e de certo não gozará tam depressa tamanha liberdade.

—Confessa, que tu ainda estás mais desejava do que eu de conhecer esse homem extraordinário, o jovem mestre de Nazaré?

—Mesmo que assim fôsse, querida senhora, o meu desejo não devia causar admiração: sou escrava, e o nazareno diz que não deve haver escravos.

—Eu torno-te a serviçião muito pesada, não é assim, Genoveva?

—Não, oh! não!... Mas, falando sinceramente, conheço muitas senhoras com quem se possa comparar?

—Não me compete responder a isso... lisonjeira.

—A mim é que cumpre dizê-lo... Se o acaso nos depara uma boa senhora, como aquela a quem eu sirvo, centos delas há que por uma palavra, pelo menor descuido, mandam cortar as carnes dos seus escravos as chicotadas, ou torturam-nos com uma cruel alegria... Não será isto verdade?

—Não digo que não...

—A senhora torna-me a serviçião tam suave quanto é possível sê-lo; mas, entretanto, é certo que não sou livre... Fui obrigada a separar-me de Fergan, meu marido, que tanto chorou ao apartar-se de mim... Quem me diz que quando regressarmos a Marselha ainda o encontrarei que não tenha sido vendido e levado para longe dali?... Quem me diz também que o sr. Grémion me não venda ou me separe da senhora?...

Literatura revolucionária

Encontram-se à venda na administração de A Batalha as obras abaixo, editadas em espanhol pela Editorial Argonauta, de Buenos Aires:

Artistas y Rebeldes, por Rodolfo Rocker. 13\$50
Dietadura y Revolucion, por Luis Fabbrí. 15\$00
Soviet o Ditadura? por Rocker, Goldman, Berkman, Kropotkin e Makin. 15\$00
Cartas a uma mulher sobre la anarquia, por Luis Fabbrí. 3\$50
Nicolai (y el pensamiento social contemporáneo), por R. Rolland. 6\$00
Paginas de lucha cotidiana, por Henrique Malatesta. 7\$50
La crisis del anarquismo, por Luis Fabbrí e Catilina. 1\$50
Pedidos à administração de A Batalha acompanhados da importância respectiva acrescida do custo do porte que é em média 10 %.

Os melhores retratos são os da

Fotografia América

de A. R. Prata
RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º
(ao Intendente)
TELEFONE 3029 N.

Aos Funileiros e soldadores

SOLDA de estanho, muito fina, solda para marfício, estanho e chumbo em barra.

Todas as soldas são de máxima confiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICOÇÃO - das melhores marcas -

CARLOS A. SANTOS
80, Rua do Arsenal, 80 - LISBOA

Leia para seu interesse

Enquanto que tudo sobre os fabricantes Donas, da Covilhã, continuam a vender as suas explendidas fendas de lã e estambre para fater, sobretudo, vestidos e casacos directamente ao público por preços barataísimos, sem recio de concorrência. Antes de fazerem as suas compras, consultem os preços nos depósitos Dunas, e ser-lhes-á garantida uma diferença de 30 a 60 % mais barato que noutras casas. Uma experiência nada custa. 1000 padrões de diferentes artigos de lã para fatos, sobretudo, vestidos e casacos, e os que maior sorriso apresentam em estambres finísimos, por preços excepcionais.

Depósitos de vendas a retalho:

Em LISBOA:
R. dos Panqueiros, 187, 2.º

No PORTO:
R. Fernandes Tomás, 392-A

Aos nossos agentes e assinantes

Devido à grande crise que «A Batalha» atravessa, motivada pelo elevado preço de todos os artigos que entram na sua manufatura, e havendo sempre em atraso alguns débitos de agentes e assinantes, embora alguns pequenos mas que todos somados montam a alguns milhares de escudos; acontecendo ainda haver algumas devoluções de recibos que mandamos à cobrança que provoque graves perturbações e dispêndios com o correio;

Aos nossos solícitos agentes e estimáveis assinantes recomendamos, nesta hora grave para a vida honesta que «A Batalha» tem, que devem ajudar esta administração, enviando uns as suas liquidações o mais rápido possível e a outros o pagamento dos recibos que se encontram à cobrança.

A ADMINISTRAÇÃO

Devido à grande crise que «A Batalha» atravessa, motivada pelo elevado preço de todos os artigos que entram na sua manufatura, e havendo sempre em atraso alguns débitos de agentes e assinantes, embora alguns pequenos mas que todos somados montam a alguns milhares de escudos; acontecendo ainda haver algumas devoluções de recibos que mandamos à cobrança que provoque graves perturbações e dispêndios com o correio;

Aos nossos solícitos agentes e estimáveis assinantes recomendamos, nesta hora grave para a vida honesta que «A Batalha» tem, que devem ajudar esta administração, enviando uns as suas liquidações o mais rápido possível e a outros o pagamento dos recibos que se encontram à cobrança.

A ADMINISTRAÇÃO

Devido à grande crise que «A Batalha» atravessa, motivada pelo elevado preço de todos os artigos que entram na sua manufatura, e havendo sempre em atraso alguns débitos de agentes e assinantes, embora alguns pequenos mas que todos somados montam a alguns milhares de escudos; acontecendo ainda haver algumas devoluções de recibos que mandamos à cobrança que provoque graves perturbações e dispêndios com o correio;

Aos nossos solícitos agentes e estimáveis assinantes recomendamos, nesta hora grave para a vida honesta que «A Batalha» tem, que devem ajudar esta administração, enviando uns as suas liquidações o mais rápido possível e a outros o pagamento dos recibos que se encontram à cobrança.

A ADMINISTRAÇÃO

Devido à grande crise que «A Batalha» atravessa, motivada pelo elevado preço de todos os artigos que entram na sua manufatura, e havendo sempre em atraso alguns débitos de agentes e assinantes, embora alguns pequenos mas que todos somados montam a alguns milhares de escudos; acontecendo ainda haver algumas devoluções de recibos que mandamos à cobrança que provoque graves perturbações e dispêndios com o correio;

Aos nossos solícitos agentes e estimáveis assinantes recomendamos, nesta hora grave para a vida honesta que «A Batalha» tem, que devem ajudar esta administração, enviando uns as suas liquidações o mais rápido possível e a outros o pagamento dos recibos que se encontram à cobrança.

A ADMINISTRAÇÃO

Devido à grande crise que «A Batalha» atravessa, motivada pelo elevado preço de todos os artigos que entram na sua manufatura, e havendo sempre em atraso alguns débitos de agentes e assinantes, embora alguns pequenos mas que todos somados montam a alguns milhares de escudos; acontecendo ainda haver algumas devoluções de recibos que mandamos à cobrança que provoque graves perturbações e dispêndios com o correio;

Aos nossos solícitos agentes e estimáveis assinantes recomendamos, nesta hora grave para a vida honesta que «A Batalha» tem, que devem ajudar esta administração, enviando uns as suas liquidações o mais rápido possível e a outros o pagamento dos recibos que se encontram à cobrança.

A ADMINISTRAÇÃO

Devido à grande crise que «A Batalha» atravessa, motivada pelo elevado preço de todos os artigos que entram na sua manufatura, e havendo sempre em atraso alguns débitos de agentes e assinantes, embora alguns pequenos mas que todos somados montam a alguns milhares de escudos; acontecendo ainda haver algumas devoluções de recibos que mandamos à cobrança que provoque graves perturbações e dispêndios com o correio;

Aos nossos solícitos agentes e estimáveis assinantes recomendamos, nesta hora grave para a vida honesta que «A Batalha» tem, que devem ajudar esta administração, enviando uns as suas liquidações o mais rápido possível e a outros o pagamento dos recibos que se encontram à cobrança.

A ADMINISTRAÇÃO

Devido à grande crise que «A Batalha» atravessa, motivada pelo elevado preço de todos os artigos que entram na sua manufatura, e havendo sempre em atraso alguns débitos de agentes e assinantes, embora alguns pequenos mas que todos somados montam a alguns milhares de escudos; acontecendo ainda haver algumas devoluções de recibos que mandamos à cobrança que provoque graves perturbações e dispêndios com o correio;

Aos nossos solícitos agentes e estimáveis assinantes recomendamos, nesta hora grave para a vida honesta que «A Batalha» tem, que devem ajudar esta administração, enviando uns as suas liquidações o mais rápido possível e a outros o pagamento dos recibos que se encontram à cobrança.

A ADMINISTRAÇÃO

Devido à grande crise que «A Batalha» atravessa, motivada pelo elevado preço de todos os artigos que entram na sua manufatura

